



## DO LAR? SENTIDOS DO TRABALHO PARA MÃES TRABALHADORAS

HOME QUEEN? DIRECTIONS OF WORK FOR WORKING MOTHERS

Recebido em 14.08.2023. Aprovado em 30.05.2023.

Avaliado pelo sistema *double blind review*

DOI: <https://doi.org/10.12712/rpca.v17i1.55589>

### Sabrina dos Santos Vidigal

[sabrinavidigalmartins@gmail.com](mailto:sabrinavidigalmartins@gmail.com)

Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGA) - Juiz de Fora/MG, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-6746-7196>

### Victor Cláudio Paradela

[victor.paradela@hotmail.com](mailto:victor.paradela@hotmail.com)

Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGA) - Juiz de Fora/MG, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-9680-2451>

### Débora Vargas Ferreira Costa

[deboravargas82@gmail.com](mailto:deboravargas82@gmail.com)

Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGA) - Juiz de Fora/MG, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-6716-6959>

## Resumo

O trabalho representa uma instituição social fundamental. Historicamente, porém, as mulheres enfrentam barreiras para se inserirem nas atividades profissionais. A pesquisa buscou compreender os sentidos do trabalho para um grupo de mulheres trabalhadoras e mães pertencentes à classe média. A investigação, com abordagem qualitativa, contou com entrevistas semiestruturadas com 22 mulheres. Os depoimentos confirmaram a importância fundamental do trabalho como elemento estruturante de suas vidas, mas revelaram, também, dilemas e dificuldades ainda vivenciados. Também ficou claro que elas não se conformam mais com o papel de “rainha do lar”, manifestando o desejo de lutar pela consolidação das conquistas já obtidas.

**Palavras-chave:** Trabalho feminino. Desigualdade de gênero. Sentidos do trabalho.

## Abstract

Work represents a fundamental social institution, structuring the identity of the individual. The research presented here sought to understand the meanings of work for a group of working women and mothers belonging to the middle class. The research, with a qualitative approach, had semi-structured interviews with 22 women. The statements confirmed the fundamental importance of work as a structuring element of their lives, but also revealed dilemmas and difficulties still experienced. On the other hand, it was clear that they no longer conform to the role of "queen of the home", expressing the desire to fight for the consolidation of the achievements already achieved.

**Keywords:** Female Work. Gender inequality. Directions of work.

## Introdução

Tanto histórica quanto politicamente, a maioria dos indivíduos se organiza em função do trabalho. A atividade demonstra sua centralidade por ser parte constituinte da existência humana individual e coletiva (Antunes, 2009b; Araújo & Sachuk, 2007; Morin, 2001; Morin; Tonelli & Pliopas, 2007; Viana & Machado, 2011).

Os sentidos a ele atribuídos acompanham as diferentes épocas, culturas e modos com os quais cada um se relaciona e compreende o mundo. Assim foi desde a era paleolítica, passando pelo feudalismo, pelos artesãos medievais, operários e mais recentemente, os profissionais da revolução científica, apresentando sentidos nem sempre singulares, mas concretos em determinado contexto (Araújo & Sachuk, 2007).

Marcado por diversas transformações, o trabalho contemporâneo abrange, conforme destacam Tolfo e Piccinini (2007), alterações de diversas ordens, como a reestruturação produtiva, a competitividade entre empresas e países, as inovações tecnológicas, a flexibilização das relações de trabalho e outros elementos.

Coutinho (2009) destaca que as mudanças pelas quais o trabalho passou desencadearam estudos sobre os sujeitos nesse contexto, o que justifica a busca pela compreensão dos sentidos do trabalho. A atividade laboral representa mais que uma fonte de renda, significando também realização pessoal, fonte de relacionamento com outras pessoas e status social (Kubo & Gouvea, 2012; Morin, 2001). Assim, por diferentes metodologias, pesquisas têm buscado identificar as relações existentes entre os aspectos objetivos e subjetivos do trabalho contemporâneo (Coutinho, 2009).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), ainda há mais homens do que mulheres no mercado de trabalho. O estudo aqui referenciado revela que, entre a população em idade para trabalhar, a taxa de participação das mulheres é de 54,5%, e 73,7% a dos homens, uma diferença significativa, portanto. Vale destacar, conforme defende Vaitsman (1994), que foi meio do trabalho produtivo ou assalariado que elas desafiaram a divisão sexual do trabalho. Como o trabalho doméstico não remunerado, majoritariamente realizado por mulheres, é entendido socialmente como “não trabalho” e, portanto, desvalorizado, a entrada das mulheres na economia permitiu que fossem vistas como indivíduos.

Hochschild (2012) destaca a reconfiguração dos afazeres domésticos e atividades de cuidado, da família, do respeito próprio e da feminilidade. Se, em épocas passadas, o poder das mulheres se expressava na atratividade para os homens ou na influência que exerciam sobre os filhos e parentes, ao adentrarem o sistema econômico, a nova base de poder e identidade passou a ser constituída pelo salário que recebem ou a autoridade que exercem no trabalho. De acordo com Silva, Luz e Silva (2012), em escala global, a tradicional divisão sexual do trabalho sofreu transformações significativas, com implicações nas práticas de conciliação entre vida profissional e familiar.

De acordo com Teykal e Rocha-Coutinho (2007), as mulheres passaram, nas últimas décadas, a ocupar os mais variados postos de trabalho em corporações nacionais e internacionais, tribunais superiores, ministérios, topo de grandes empresas, e liderança de pesquisas de tecnologia de ponta. Assim, cada vez mais, estão assumindo o espaço público e conquistando posições prestigiadas. Ramos (2019) realça que tais conquistas deveram-se, em grande medida, ao movimento feminista, não representando, portanto, uma concessão dos homens.

Souza (2017) destaca que, em consequência das conquistas profissionais, as mulheres passaram a enfrentar o desafio de conciliar múltiplas funções: estudo, trabalho e cuidados com a família. Isso porque, em muitos casos, os homens não dividem de forma equânime as tarefas domésticas. Quando

os casais têm filhos, os cuidados por eles exigidos também ficam bem mais afetos às mães, causando uma sobrecarga ainda maior.

Nesse cenário, emerge uma agenda para a academia, relativa a esse desafio que as mulheres trabalhadoras precisam enfrentar. Neste artigo, busca-se contribuir para o debate dessa questão privilegiando-se o estudo dos sentidos do trabalho para as mulheres. Levantamento preliminar sobre a temática na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações<sup>i</sup> com os descritores “sentidos do trabalho” e “mulher”, no título, encontrou 08 pesquisas - 01 tese e 07 dissertações - realizadas entre os anos de 2005 e 2017. Embora todas sejam pertencentes ao campo das Ciências Sociais Aplicadas, somente 01 dissertação (Spinelli, 2015) foi desenvolvida na área de Administração de Empresas e revelou-se mais diretamente relacionada à proposta aqui apresentada.

Diante do exposto, o objetivo geral deste artigo é compreender os sentidos do trabalho para as mulheres trabalhadoras e mães pertencentes à classe média<sup>ii</sup>. Os objetivos específicos consistem em: levantar o perfil das mulheres estudadas; descrever os rompimentos verificados nas relações de gênero e as transformações na tradicional divisão sexual do trabalho; analisar o significado do trabalho para as mulheres participantes.

O artigo está estruturado em sete seções, contando com esta introdução. As três próximas representam o referencial teórico, enfocando, respectivamente, temas estruturantes da investigação: gênero e divisão sexual do trabalho, a centralidade do trabalho na vida das pessoas e o sentido do trabalho para as mulheres. Em seguida, é apresentado o percurso metodológico adotado, revelando os principais procedimentos adotados na pesquisa. Depois, são analisados os resultados obtidos na pesquisa de campo, que contou com entrevistas com um grupo de 22 mulheres. Por fim, são apresentadas as considerações a que foi possível se chegar.

## **Relações sociais de gênero e divisão sexual do trabalho**

Scott (1995) defende que a expressão gênero foi cunhada pelas feministas americanas com a intenção de destacar que as relações entre homens e mulheres têm um caráter social, rejeitando as distinções baseadas no determinismo biológico. Gênero, a partir desse olhar, é o fruto das construções nascidas das interações sociais e que representam uma relação de poder, determinando os papéis para os homens e para as mulheres.

Como explica Albrecht (2012), a divisão sexual do trabalho, representa um tema cotidiano para homens e para mulheres, variando no tempo e no espaço, dada sua relação com a economia, com a cultura e com a estrutura familiar de uma sociedade e reflete questões de gênero.

Na percepção de Kergoat (2009), os conceitos de masculino ou feminino não decorrem do destino biológico, mas sim do que a sociedade constrói e estabelece por meio de uma base material centrada no trabalho. Seguindo essa perspectiva, ao homem cabe a esfera produtiva e à mulher a reprodutiva. A denominada divisão sexual do trabalho é, nessa interpretação, uma relação de poder dos homens sobre as mulheres que os coloca em posições com maior valor social, como ocorre no “campo político, religioso e militar” (Kergoat, 2009, p. 67).

A divisão entre as esferas produtiva e reprodutiva foi configurada a partir da Revolução Industrial, com a conseqüente aceleração do capitalismo, o conjunto de transformações sociais e econômicas ocorridas e suas implicações para a família e para o trabalho. Surgiram, assim, dois setores: o âmbito privado (trabalho reprodutivo ou trabalho doméstico) e o público (trabalho produtivo ou remunerado), com suas lógicas próprias delimitando os papéis sociais estabelecidos para mulheres e homens, respectivamente (Oliveira, 2009; Rocha-Coutinho, 1994). Souza e Guedes (2016) acrescentam que tal divisão contemplou a valorização do espaço público e a desvalorização do privado, o que justificaria os afazeres domésticos serem considerado como “não trabalho”.

O progresso em direitos políticos, o aumento da escolaridade, a queda da taxa de fecundidade e o ingresso em universidades são considerados por Bruschini (2007) fatores inter-relacionados que facilitaram a participação das mulheres em novas oportunidades de trabalho ao ampliarem suas possibilidades profissionais. Alves (2016) e Hirata (2018) ilustram tais colocações ao apontarem que as mulheres são mais instruídas e diplomadas do que os homens, considerando-se todos os níveis de instrução e todos os países.

No Brasil, segundo Bruschini e Ricoldi (2012), nota-se um incremento da participação das mulheres na esfera produtiva, a partir de 1970, instante no qual as mulheres passaram a pertencer ao reduto ocupado pelos homens, despertando atenção para os estudos de gênero. As modificações observadas se refletem nas construções sociais da família, que por muitas gerações esteve sob as normas da divisão sexual do trabalho: o homem provedor e a mulher dona-de-casa e cuidadora dos filhos (Silva et al., 2012).

A despeito da sociedade estar em constante processo de mudança, as diferenças de gênero ainda exercem, conforme Albrecht (2012), uma significativa influência quando a mulher conquista o mercado de trabalho. Hirata (2015) denomina essa diferenciação de segregação horizontal, representada pelas barreiras ainda existentes para o ingresso das mulheres em determinados tipos de trabalho percebidos como mais adequados aos homens. A despeito de haver um número crescente de mulheres mais escolarizadas e alcançando melhores postos de trabalho, conforme relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2018), nota-se que persistem desigualdades de gênero.

A persistência da desigualdade de gênero reflete-se, também, segundo Fórum Econômico Mundial (WEF, 2019), na opção que muitas mulheres se sentem impelidas a fazer por ficarem em casa, por trabalhar em período parcial e em não aproveitarem oportunidades de carreira que prejudiquem os afazeres relativos à maternidade, enquanto os filhos são menores e dependem de seus cuidados. Posteriormente, quando tentam retornar a carreira em tempo integral, os ganhos acabam, muitas vezes, sendo inferiores aos recebidos anteriormente (WEF, 2019). No caso brasileiro, o IBGE (2021) aponta que quase o dobro de mulheres (29,6%) em relação aos homens (15,6%) está em trabalhos parciais (até 30 horas semanais) corroborando essa constatação.

Segundo Kleven, Landais e Sogaard (2019), as crianças na vida das mulheres, quando se fala dos postos de trabalho, tem peso maior do que na vida dos homens e, em consequência, elas modificam as horas de trabalho e as ocupações, em resposta, em distintos casos, às demandas da maternidade. Conforme realça Souza (2017), as mulheres desempenham múltiplas funções, pois “sua dedicação não é exclusiva ao lar. A mulher contemporânea, ao mesmo tempo em que é dona de casa, é também estudante e profissional, realizando, ainda, tarefas do meio social” (Souza, 2017, p. 225).

O IBGE (2019) destaca as desigualdades na jornada total de trabalho de homens e mulheres, questão abordada também por Alves (2016) e Araújo e Scalón (2005): as mulheres possuem menos tempo para se dedicar ao lado profissional: “Como as mulheres dedicam, em média, mais horas aos afazeres e/ou cuidados que os homens, isto pode afetar sua jornada de trabalho no sentido de ter menos tempo disponível para o trabalho” (IBGE, 2019, p. 10).

Destacando que foi por meio do trabalho produtivo que as mulheres se tornaram independentes e transformaram o papel social destinado a elas: o de ser mãe e cuidadora do lar, a próxima seção aborda a centralidade e os sentidos do trabalho, destacando seus diferentes significados para os indivíduos. Em seguida, pretendeu-se focar no sentido do trabalho para as mulheres.

### **A centralidade e os sentidos do trabalho**

O trabalho é, no mundo industrializado e automatizado, uma atividade planejada e coletiva e que os indivíduos passaram a depender das organizações para exercê-lo (Albornoz, 1986). Em decorrência do

desenvolvimento tecnológico, nota-se que as atividades profissionais ocupam a maior parte do tempo das pessoas, acompanhando homens e mulheres em diferentes espaços. Por ser uma importante dimensão da vida social, os trabalhadores passaram a preencher grande parte de sua existência trabalhando e dedicando às empresas sua energia, força e esforço (Cavassani, Cavassani & Biazin, 2006).

As mudanças desencadeadas no final do século XX pelas alterações observadas no processo de produção de capital colocaram em evidência as discussões a respeito da perda ou retração da centralidade do trabalho (Nascimento, Costa, Salvá, Moura & Simão, 2016). Spinelli (2015) esclarece que as transformações sociais trouxeram importantes modificações para a organização do trabalho, o que desencadeou a realização de estudos com foco em diversas abordagens, como a sociologia e a psicologia social.

Na mesma direção, Borges e Tamayo (2001) recuperam o sentido individual e social do trabalho. Expressam que a atividade é constituída por variadas ocupações e classificações, complexidade e ambiguidade. Destacam também seu caráter de subsistência, de criação de sentidos existenciais e formação da identidade e personalidade dos indivíduos. Defendem sua centralidade na organização da sociedade, sendo importante tanto para os defensores do capitalismo quanto para os marxistas.

Gorz (2003), ao retratar as metamorfoses observadas no trabalho, inicia suas considerações comentando que, na sociedade contemporânea, trabalho é uma construção da modernidade, e explica: “A forma sob a qual o conhecemos e praticamos, aquilo que é o cerne de nossa existência, individual e social, foi uma invenção, mais tarde generalizada de industrialismo” (Gorz, 2003, p. 22).

Isso significa que o entendimento de trabalho não se restringe ao conjunto de atividades diárias que são necessárias para a reprodução da sociedade. O autor ainda reflete que não seria trabalho quando um indivíduo realiza o labor em prol de si mesmo ou de seus familiares, ou quando se é um empreendedor em benefício próprio. Argumenta também que na modernidade, as atividades conhecidas como trabalho trazem um sentido diverso do doméstico, do artista e do de autoprodução. O que denomina a atividade na sociedade industrial, segundo o autor, é o fato de ser realizada na esfera pública, reconhecida como útil, remunerada, fonte de relações e de intercâmbios, com direitos e deveres – o trabalho assalariado.

Viana e Machado (2011, p. 47) consideram que, além do trabalho carregar centralidade, ele ainda engloba “toda a subjetividade do trabalhador”, construindo sua identidade e proporcionando que se insiram em processos que os tornem pessoas e cidadãos. Em diferentes momentos e sentidos, o trabalho é elemento constitutivo da realidade social. Em decorrência, conforme realçam Neves, Nascimento, Felix Jr., Silva e Andrade (2018), ele faz parte da vida dos indivíduos, influenciando suas ações e a natureza da sociedade ao interagir com as diferentes variáveis pessoais e sociais.

Para Morin (2001), essa forma de organização social ocupa lugar de destaque na vida das pessoas por ser um meio de relacionamento, de trazer objetivo de vida, de estabelecer vínculos com outras pessoas, além de evitar o tédio. Cavassani et al. (2006) complementam afirmando que, se inicialmente era uma atividade realizada com a função básica de subsistência, o trabalho foi se transformando ao longo do tempo e demonstrando sua centralidade. Mesmo com sua maior intelectualização e qualificação, ou desqualificação e subproletarização, não é possível se chegar a uma conclusão de que o trabalho perdeu sua “centralidade no universo de uma sociedade produtora de mercadorias” (Antunes, 2009a, p. 83).

Coutinho (2009) afirma que, a partir do século XVIII, a sociedade capitalista industrial imprimiu sobre a categoria trabalho um caráter de sustento, fazendo com que o mesmo fosse entendido como sinônimo de emprego ou atividade assalariada. Na concepção de Morin (2001), é importante trazer o que os indivíduos pensam sobre o tema, visto que tal atividade pode ser descrita por diferentes maneiras, dadas suas metamorfoses ao longo da história. Para a autora, um trabalho que tem sentido é

aquele que possibilita ao indivíduo o desenvolvimento e a prática de competências, possua objetivo claros e valorizados, e que proporciona a quem o realiza a percepção de valor em seus resultados. Em adição, é o trabalho que permite a expressão dos indivíduos, o autoconhecimento e a realização de ajustes de seus desempenhos.

Antunes (2009b), ao comentar os sentidos do trabalho, considera que é a vida cheia de sentido no trabalho que proporciona sentido às demais dimensões da vida dos trabalhadores, não sendo este, portanto, apenas um meio de subsistência para homens e mulheres. No entanto, essa concepção no capitalismo, o chamado trabalho que tem sentido estruturante é desestruturante para o capital.

Neves et al. (2018), por meio de análise de estudos brasileiros em periódicos de administração sobre sentido e significado do trabalho, consideram que se trata de um dos valores fundamentais do ser humano: fonte de renda e subsistência, construção da identidade, auto realização, constituição de subjetividades e mecanismo de socialização. Em adição, o trabalho permite o alcance de metas, de objetivos de vida e o desenvolvimento de habilidades. É, portanto, “uma categoria fundante do ser humano, à medida que este só pode existir trabalhando” (Neves et al., 2018, p. 328).

O significado de sentido do trabalho aqui empregado é o desenvolvido pelo construtivismo: “O sentido que o trabalho tem para cada indivíduo é construído por meio da compreensão da subjetividade individual, sendo variante, uma vez que os indivíduos se apropriam de vários elementos relativos ao trabalho e os ressignificam” (Lima, Tavares, Brito & Cappelle, 2013, p. 44). Para os construtivistas, a realidade é fruto das relações sociais estabelecidas em um determinado contexto histórico e cultural, que é relevante no contexto de transformação dos sentidos do trabalho, como destaca Morgado (2012).

Recorrendo-se às contribuições de Bendassolli, Alves e Torres (2014), nota-se que o significado do trabalho está relacionado ao fato de que por meio dele os indivíduos interpretam o seu fazer, consideram os propósitos das ações realizadas e dos objetivos que desejam atingir. Esse olhar propõe um entendimento sobre o porquê do trabalho ganhar ou perder sentido e abordar os fenômenos relacionados ao trabalho.

Apresentada a relevância do trabalho na vida das pessoas, a próxima seção aborda a entrada das mulheres no mundo produtivo, destacando a relevância dessa mudança social e os sentidos atribuídos por elas ao trabalho remunerado.

### **Os Sentidos do trabalho para as mulheres**

Um marco histórico referente à maior participação das mulheres no trabalho foi a convocação dos homens para lutarem na Primeira e Segunda Guerras Mundiais (Alves & Pitanguy, 1985; Beauvoir, 1970). Também exerceu forte influência nesse processo a consolidação do capitalismo, que modificou o processo produtivo e a organização do trabalho, retirando a produção de dentro do lar, acarretando o crescimento da mão de obra feminina nas fábricas (Alves & Pitanguy, 1985; Oliveira, 2009; Probst, 2015).

Na concepção de Beauvoir (1970), a revolução tecnológica dos meios de produção promoveu as condições essenciais para a participação feminina no mercado de trabalho. Nas palavras da autora: “Essa é a grande revolução que, no século XIX, transforma o destino da mulher e abre, para ela, uma nova era” (Beauvoir, 1970, p. 148).

Mesmo vivendo dificuldades na conciliação das atividades profissionais e familiares, o trabalho

assalariado despertou nas mulheres, na percepção de Hochschild (2012), motivações semelhantes às dos homens. A autora verificou, em pesquisa desenvolvida, que elas não trabalhavam apenas por interesses econômicos, mas por não se identificarem como donas-de-casa, classificando o trabalho doméstico como entediante. Fernandes (2017), por sua vez, constatou uma mudança importante no papel social da mulher que também é mãe: a valorização do trabalho assalariado, proporcionando maior realização profissional e liberdade econômica.

Losada e Rocha-Coutinho (2007) acrescentam que empregos representam uma importante fonte de realização profissional. Mesmo com responsabilidades e preocupações com casa e filhos, a mulher se mantém trabalhada para satisfazer mais que necessidades materiais. Elas buscam liberdade individual e crescimento pessoal, investindo no trabalho produtivo, e procuram conciliá-lo com a maternidade. As autoras relatam que, para as empresárias participantes da pesquisa, “ficar em casa é percebido como fracasso pessoal de alguém que não conseguiu vencer por seus próprios meios [...]” (Losada & Rocha-Coutinho, 2007, p. 501).

Diogo (2005), ao estudar os sentidos do trabalho para mulheres que executam funções de limpeza e conservação em uma empresa prestadora de serviços, compreende que a escolha das trabalhadoras estava diretamente relacionada à necessidade econômica e à baixa escolaridade. Mesmo sendo importante e central em suas vidas, fonte de renda e contato social fora do lar, as mulheres participantes da pesquisa por ela conduzida disseram perceber o trabalho realizado como depreciativo e desvalorizado, cansativo e mal remunerado, além de não ser reconhecido socialmente.

Graf (2009), ao investigar os sentidos que as mulheres atuantes em um abatedouro agrícola atribuem ao trabalho, destaca que em suas trajetórias havia marcas da divisão sexual, tanto em casa quanto na empresa. Constatou que, mesmo sendo participantes da renda familiar, elas permaneciam como as responsáveis pelo trabalho doméstico. Além disso, no abatedouro se ocupavam de tarefas mais repetitivas e distribuídas em poucos cargos quando comparadas com as atribuídas aos homens.

Morgado (2012), objetivando explorar os sentidos que a mulher que ocupa cargos de média gerência atribui a si própria e ao trabalho que realiza, considera que elas acabam se dividindo a duras penas entre a profissão e o trabalho doméstico. Por estarem em duas esferas, acabam não estando de maneira plena em lugar algum, percebendo-se em um contexto de desaparecimento simbólico: “desaparecem da esfera da casa, ao negarem este espaço que um dia lhes colocou em situação de desigualdade e lhes conferiu identidade e desaparecem da organização na gerência intermediária ao estarem imersas em um contexto masculino, paradoxalmente, reforçando-o” (Morgado, 2012, n.p).

Ainda de acordo com Morgado (2012), a esses problemas soma-se ainda o fato de não considerarem que ficam com os maridos ou com os filhos o tempo que gostariam e também não conseguem ter momentos para si próprias na proporção que desejavam. Assim, sua identidade se mostra frágil e elas acabam estabelecendo limites para as trajetórias profissionais, como a procura por carreiras alternativas, deixando de crescer na hierarquia, situação que demandaria mais comprometimento de tempo. Essa seria, então, na concepção do autor, a outra face do “teto de vidro<sup>iii</sup>” nas organizações.

Spinelli (2015), ao buscar entender quais são os sentidos que mulheres atuantes no mercado financeiro atribuem ao trabalho, relata que o principal seria o de uma fonte de financiarem o estilo de vida, visto que possibilita a realização de grandes projetos e a obtenção de conforto material. Para as entrevistadas, o trabalho é também um importante elemento de realizações pessoais, uma fonte de prazer, de independência financeira, crescimento pessoal e profissional. Dessa forma, os sentidos atribuídos estão entre a vocação e a realização advinda da privilegiada remuneração, apesar dos dilemas de conciliação

entre carreira e família.

Cruz (2017), por sua vez, pesquisou um grupo bem diferente: operárias de uma fábrica. Constatou, então, que, para elas, a atividade remunerada é, especialmente, uma fonte de libertação. Percebem a oportunidade vincular-se a uma empresa como forma de não precisar mais trabalhar nas casas de família, situação considerada menos nobre e mais desgastante em termos físicos e emocionais. Destacaram, ainda, o prazer de poder adquirir, de certo modo, o produto que suas mãos produziram. Com se percebe nessa e nas demais pesquisas aqui citadas, os sentidos do trabalho para diferentes grupos de mulheres revelam-se bastante ricos, com impactos significativos no bem-estar das trabalhadoras em diferentes esferas.

Como comenta Hochschild (2012), as mudanças econômicas mundiais desencadearam o aumento da concorrência no mercado de trabalho e o declínio dos salários masculinos e dos empregos, proporcionando o crescimento do trabalho feminino. A incorporação das mulheres ao mercado de trabalho trouxe a reconfiguração da vida doméstica, da família, do respeito próprio e da feminilidade, pois se, em épocas passadas, o poder das mulheres se expressava na atratividade para os homens ou na influência que exerciam sobre os filhos e parentes, ao entrarem na economia industrial, sua nova base de poder e identidade está relacionada principalmente aos salários recebidos à autoridade exercida.

Uma vez destacados aqui e nas seções anteriores o referencial teórico que deu sustentação à pesquisa realizada, a próxima seção apresenta os procedimentos metodológicos observados.

## Procedimentos metodológicos

Dado o objetivo geral norteador da pesquisa, a orientação adotada é a metodologia qualitativa. Segundo Creswell (2007), esta forma de condução investigativa é fundamentalmente interpretativa, permitindo que se conheçam detalhes sobre o corpus estudado, estando o pesquisador envolvido nas experiências reais dos participantes. Ou seja, permite ao pesquisador captar os significados reais dos atores sociais.

Minayo (2013) complementa que a metodologia qualitativa é amplamente empregada em estudos que se debruçam sobre a história, as relações, as representações, as crenças, as percepções e as opiniões, “produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (Minayo, 2013, p. 57). Nessa mesma direção, Godoy (1995) argumenta que: “Não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações” (Godoy, 1995, p. 63).

A pesquisa foi conduzida de modo dedutivo, que na concepção de Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 46), é uma forma de pensamento que permite “extrair verdades particulares contidas em verdades universais. Este método, parte, portanto, de uma abordagem do geral para o particular, ou seja, utiliza-se de princípios reconhecidos como verdadeiros para que se alcance conclusões particulares (Gil, 2008).

Foi realizada, como ponto de partida, uma pesquisa bibliográfica, buscando-se produções acadêmicas sobre o tema abordado no “Banco Digital de Teses e Dissertações”, e outras bases, como “Capes Cafe” e “Scientific Electronic Library Online (SciELO)”. Essa foi a base da construção do referencial teórico que deu sustentação à investigação e direcionamento à pesquisa de campo, realizada a seguir. Nela, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 22 mulheres trabalhadoras de classe média, casadas e que também são mães, com pelo menos um filho ou filha com idade entre 0 e 06 anos, e moradoras de Juiz de Fora, Minas Gerais. Em relação à delimitação da faixa etária das crianças, optou-se pela idade pré-escolar, dada a necessidade de disponibilidade física e psicológica de quem vive os desafios de conciliação entre trabalho e família (Mendonça & Matos, 2015).



A escolha pela classe média se justifica utilizando a realidade apresentada por Teykal e Rocha-Coutinho (2007) e Hochschild (2012): mulheres das classes mais baixas sempre trabalharam para sustentar o lar. O fenômeno da dupla jornada é mais recente na realidade das mulheres da classe média e classe média alta, mais especificamente a partir do final de 1960 e início de 1970.

O critério de seleção focado em ser casada teve a finalidade de permitir a verificação dos impactos da vida profissional na relação com os maridos e a consideração de como tem se dado a divisão de tarefas domésticas, além das diferenças nos sentidos de trabalho entre homens e mulheres, na percepção dessas. Para verificar essa diferença entre gêneros, a pesquisa restringiu-se aos casais heterossexuais. Já o critério de residir em Juiz de Fora, deveu-se à acessibilidade, uma vez que os pesquisadores residem nessa mesma cidade.

O corpus da pesquisa foi constituído inicialmente acionando-se a rede de relacionamentos dos pesquisadores por meio de convite direto ou pedindo possíveis indicações (Vergara, 2011). Para alcançar as mulheres de classe média<sup>iv</sup>, inicialmente, foi encaminhado um questionário socioeconômico na intenção de entrar no campo. Somente após o retorno destes, as entrevistas foram agendadas.

A proposta da pesquisa foi submetida previamente ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Juiz de Fora (UFJF). A partir da aprovação pelo Comitê, iniciou-se a pesquisa de campo, sendo dados a todas as participantes esclarecimentos a respeito do objetivo central do estudo, da opção voluntária em participar, dos possíveis desconfortos que poderiam deixá-los menos à vontade e da possibilidade de desistência a qualquer tempo. Do mesmo modo, todas foram informadas que suas identidades seriam resguardadas, e que a elas seriam atribuídos nomes fictícios. Após terem concordado em participar e autorizado a gravação de seus relatos, iniciou-se a coleta dos dados que serão mantidos pela pesquisadora durante um período mínimo de 05 anos, como orienta o Comitê de Ética da UFJF.

Após a transcrição das entrevistas, os dados foram organizados seguindo as orientações da análise de conteúdo do tipo temática proposta por Bardin (2008). O método permite, conforme destaca Minayo (2016), ir além das aparências do que está sendo comunicado.

## **Apresentação e análise dos resultados**

As categorias de análise foram definidas a priori, com base no referencial teórico que sustentou a análise. Para a coleta dos dados, a fim de alcançar os objetivos pretendidos, questões abordaram os seguintes temas e subtemas elaborados de acordo com os objetivos de pesquisa: Categoria “Mulheres e Trabalho Produtivo” e “Os Sentidos do Trabalho Produtivo para as Mulheres”.

As categorias de análise foram organizadas de acordo com as subcategorias correspondentes, buscando-se relacionar “gênero” e “divisão sexual do trabalho” aos sentidos do trabalho para as mulheres, lentes utilizadas para a análise, conforme destacado a seguir.

### **Mulher e o trabalho produtivo**

Constituída a partir das subcategorias “Mulheres Trabalhadoras e Mães de Classe Média” e “Gênero e Divisão Sexual do Trabalho”, esta categoria buscou descrever o perfil das participantes de pesquisa a partir do rompimento da estrutura social tradicional: a dicotomia público/privado, considerando o novo perfil das mulheres. Pretendeu-se lançar luz à dupla jornada feminina e sua possível influência na rotina de trabalho dessas mães. O Quadro 1 destaca o perfil das 22 participantes da pesquisa.

Quadro 1 – Perfil das Participantes da Pesquisa

Nome	Idade (anos)	Escolaridade	Ocupação	Local de Trabalho	Número de filhos e idade	Renda familiar (sal. Mín.)
Amora	37	Mestrado	Professora	Escola Pública	1 filho de 5 anos	4 a 10
Amélia	38	Superior Completo	Técnica Bancária	Banco Público	1 filho de 4 anos	4 a 10
Samanta	35	Especialização	Gerente Geral	Laticínio	1 filha de 5 anos	10 a 20
Dóris	34	Especialização	Compradora	Supermercado	1 filha de 11 anos/1 filha de 6 anos/ 1 filha de 16 meses	10 a 20
Antônia	38	Especialização/ Mestrado	Psicóloga	Hospital Universitário	1 filho de 3 anos e 8 meses/ 1 filha de 7 meses	10 a 20
Júnia	40	Especialização	Autônoma	Home Office	1 filho de 6 anos	4 a 10
Andrea	37	Especialização	Professora	Escola Particular	1 filho de 1 anos e 10 meses	4 a 10
Maya	41	Especialização/ Mestrado	Nutricionista/Gestora de curso de nutrição/Prof. Do curso de enfermagem	Secretaria de Saúde/ Escola Técnica/ Faculdade Privada	1 filha de 5 anos/ Grávida de 4 meses	4 a 10
Ana Rita	42	Especialização Incompleta	Proprietária/diretora escolar	Escola Privada	1 filho de 7 anos/1 filha de 3 anos/1 filho de 1 ano e seis meses	4 a 10
Antonela	40	Especialização	Empresária	Clínica de Estética	1 filho de 7 anos/01 filho de 3 meses	4 a 10
Ester	41	Especialização	Caixa	Banco Público	1 filha de 6 anos/ 1 filho de 4 anos	10 a 20
Juliete	43	Doutorado	Professora	Universidade pública	1 filha de 10 anos/ 1 filha de 5 anos	10 a 20
Ismara	34	Superior Completo	Enfermeira	Hospital Universitário	1 filho de 3 anos	4 a 10
Ludmila	41	Mestrado	Assistente Administrativo	Colégio de Aplicação	1 filho de 10 anos/ 1 filho de 1 ano	4 a 10
Emília	31	Especialização Incompleta	Especialista de infraestrutura II	Administradora de Malha Ferroviária	1 filha de 1 ano e 2 meses	4 a 10
Manuela	34	Doutorado	Professora	Instituto Federal	1 filho de 2 anos e 6 meses	10 a 20
Luciana	32	Superior Completo	Maquiadora	Estúdio Privado	1 filha de 4 anos	10 a 20
Letícia	39	Superior Completo	3º Sargento Temporário	Exército Brasileiro	1 filha de 4 anos	10 a 20
Vitória	31	Superior Completo	Advogada	Home Office	1 filho de 1 ano e 10 meses	4 a 10
Yara	35	Especialização	Professora	Escola Pública	1 filha de 11 anos/1 filha de 6 anos	4 a 10
Cecília	34	Especialização	Fonoaudióloga	Clínica e atendimento domiciliar	1 filho de 5 anos/1 filha de 2 anos	4 a 10
Kátia	37	Superior Completo	Secretária Escolar	Escola Pública	1 filha de 5 anos/01 filha de 10 meses	4 a 10

Fonte: Elaborado pelos autores

A partir dos dados produzidos nota-se que as mães trabalhadoras participantes da pesquisa possuem faixa etária entre 31 e 43 anos, o que sugere um momento da vida no qual as mulheres estão voltadas tanto para a maternidade quanto para o desenvolvimento profissional. Percebeu-se que o acesso a

níveis de escolaridade mais elevados e a menor taxa de fecundidade são fatores inter-relacionados presentes na vida dessas mulheres, que buscaram o mercado de trabalho, ampliando suas possibilidades profissionais (Alves, 2016; Bruschini, 2007).

Todas são graduadas, sendo oito pós-graduadas com especialização completa, 4 são mestres e 2 são doutoras, o que corrobora o que afirmam Alves (2016) e Hirata (2018), cujas pesquisas, realizadas em diversos países, revelaram que as mulheres estão mais instruídas e diplomadas em relação aos homens, uma realidade que também se destacou ao compará-las aos seus cônjuges.

Em relação às gerações passadas, elas apresentam um perfil diferente. Procuraram alcançar a independência financeira antes do casamento e a chegada dos filhos ocorreu após a conquista do espaço de trabalho. A observação sugere um maior controle da natalidade, uma vez que apenas Ana Rita possui três filhos e Doris é responsável por uma sobrinha de 11 anos e teve duas gestações. E as mães enfocadas, onze possuem têm apenas um filho e nove têm dois filhos. Dentre esses aspectos, ao participarem do mundo público, expressaram valores e ideias em relação ao casamento, filhos e trabalho, questionando as funções de gênero e alterando a tradicional divisão sexual do trabalho (Silva et al. 2012).

Observa-se o que foi apontado pela OIT (2018): as mulheres mais escolarizadas alcançam melhores postos de trabalho. As participantes da pesquisa são o reflexo das mulheres que, na década de 1970, romperam barreiras e conseguiram alcançar posições valorizadas no mercado de trabalho, mas somente cinco delas ocupam setores profissionais considerados majoritariamente masculinos (Rocha-Coutinho, 2004). Entre as entrevistadas têm-se duas engenheiras civil e elétrica, uma advogada, uma sargento do exército, uma gerente geral e duas professoras universitárias, destacando que há avanços e retrocessos quando se fala em rompimento da tradicional divisão sexual do trabalho e as relações sociais de gênero.

Como defende Souza (2017), elas estudam mais e se profissionalizam, mas passam a desempenhar múltiplas funções: “[...] ao mesmo tempo em que é dona de casa, é também estudante e profissional, realizando, ainda, tarefas do meio social” (Souza, 2017, p. 225). A mulher passou a assumir novas responsabilidades (carreira e trabalho) e procurou adaptar as antigas (cuidar da casa e dos filhos) (Bruschini, 2007). Procurou-se, então, verificar se a atuação nas duas esferas estaria condicionando o trabalho produtivo das mães entrevistadas.

Nesse sentido, as entrevistadas foram questionadas a respeito da realização de alguma modificação na rotina de trabalho depois da maternidade, como a redução do tempo de trabalho, período parcial e ou investimento na carreira. De acordo com IBGE (2019), as mulheres são as principais responsáveis pelo trabalho doméstico, despendendo o dobro do tempo com afazeres domésticos e/ou atividades de cuidado em comparação aos homens, o que determina a chamada dupla jornada feminina. Para muitas, a responsabilidade pelo trabalho implica em menos horas dedicadas ao lado profissional, diferente da realidade vivenciada pelos homens. Os depoimentos obtidos revelaram que a maioria (17 das 22) fez adaptações de horário ou deixaram de aceitar mais trabalho em decorrência da maternidade para atender às demandas domésticas. Os seguintes depoimentos foram significativos:

O que eu fiz imediatamente, com quatro meses de idade, não voltei praticamente a atender, neguei todo tipo de atendimento à tarde, que poderia estar ocupada nas tardes, por exemplo, com esses atendimentos, só uma vez por semana estava atendendo na associação dos diabéticos, e às escolas voltei normalmente. Mas não tinha todos os dias preenchidos, então fiz a opção para estar mais disponível para ela, amamentando, não colocando num ambiente de creche, ou mesmo entregando para cuidados. (Maya).

Não tenho buscado nesse período que trabalho nessa profissão de bancária, não

tenho me dedicado a melhorar a minha carreira, não tenho me dedicado muito porque imagino que isso vá tomar mais o meu tempo. De quatro anos para cá tenho um filho, então prefiro ter esse tempo a mais com ele do que buscar uma carreira gerencial, por enquanto. Não chega a ser um problema porque é uma decisão, vontade minha mesmo, mas tenho vontade de melhorar nesse ponto, questão de carreira, lógico, acho que é importante. (Amélia).

Nunca busquei alguma coisa diferente porque só quero fazer as minhas seis horas mesmo. As funções gerenciais, as funções maiores que pagam melhor, são em torno de oito horas. Aí não tenho interesse. Por exemplo, antes de ter filho, o meu horário de trabalho seriam seis horas, fazia hora extra praticamente todos os dias. Eu trabalhava umas quarenta horas por semana. E depois que tive filho já não quis mais. Aí faço só o básico. (Ester).

As respostas obtidas também vão na direção dos apontamentos observados por Kleven et al. (2019) e pelo WEF(2019): as diferenças de gênero expressas nas desigualdades da jornada total de trabalho de homens e mulheres e na disponibilidade de tempo dedicado às oportunidades de carreira, enquanto os filhos são menores e dependem de seus cuidados. Questão abordada também por autores como Alves (2016) e Araújo e Scalon (2005), cujas pesquisas revelaram que, em geral, as mulheres possuem menos tempo para se dedicar às atividades profissionais. Após a maternidade, em virtude das atividades de cuidado, em espacial, há uma mudança de foco nos relatos das mães. As colocações de Emília merecem destaque, pois ilustram a experiência vivida pelas participantes de pesquisa.

Antes da Cléo nascer, a minha maior preocupação era realmente o trabalho. A maior parte da minha energia era voltada ao trabalho, à empresa ou ainda ao estudo, voltada ao aperfeiçoamento no trabalho, ingresso em uma pós-graduação, meu foco era o trabalho. E depois que ela nasceu o foco é ela, né? O trabalho faz parte, como falei, mas hoje a prioridade, sem dúvida, é ela. (Emília).

A partir das percepções dessas mulheres, verificam-se as transformações nas relações de gênero e na divisão sexual do trabalho. Mesmo com avanços e retrocessos, evidências destacam modificações na construção social da família: o homem provedor e a mulher dona-de-casa e cuidadora dos filhos (Silva et al., 2012).

Diferenciando-se das gerações passadas, as participantes não se casaram como forma de alcançar posição social ou como forma de sustento. Elas se dedicaram aos estudos, procuraram por maiores níveis educacionais e reduziram o número de filhos, deixando o estereótipo de donas de casa. O trabalho produtivo passou a fazer parte da realidade feminina e da formação de seu perfil: a mãe trabalhadora. Na nova realidade, passaram a somar funções, trabalhando fora e sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas. Precisaram então fazer escolhas, sentindo-se impelidas a promover adaptações, como dedicarem menos horas ao trabalho assalariado e não buscarem progressão na carreira, mesmo que seja por um período, em decorrência das responsabilidades com a criação dos filhos.

## Os sentidos do trabalho produtivo para as mulheres

Na concepção de Beauvoir (1970), a revolução tecnológica dos meios de produção desencadeou as condições necessárias para a participação das mulheres na esfera produtiva. Seguindo o pensamento de Hochschild (2012), o trabalho assalariado despertou nas mulheres as mesmas motivações masculinas.

Diferente do trabalho doméstico, considerado socialmente como “não trabalho”, a investigação procurou captar os sentidos do trabalho para a mulher-mãe a partir da teoria que abordou a centralidade e os sentidos do trabalho para os sujeitos. Iniciou-se pelo questionamento: “Você abriria mão do trabalho remunerado?”. O campo apresentou que 10 mulheres deixariam suas atividades,

mesmo não sendo uma decisão tomada facilmente. Os estratos mais significativos foram:

[...] eu, Kátia, pus meu filho no mundo é pra educar mesmo, pra falar não, pra poder crescer como pessoa, como ser humano, não é por mais uma criança no mundo e a gente não saber o que vai acontecer, entendeu? Sim. Bom... é um pouco difícil porque eu trabalhei a vida inteira, né? Mais o único motivo que eu pararia de trabalhar é por conta delas. (Kátia).

[...]. Depende do por que assim. Pelos meus filhos, dependendo da situação, eu abriria sim. Fácil, fácil, fácil não (risos). Mas também assim, não é uma coisa que eu abriria assim... Como que eu vou te falar? Tipo assim, com muita culpa de tá largando o trabalho também não. Abriria mão sim por conta deles. (Cecília).

Olha, se fosse preciso, por algum motivo especial, eu até pediria alguma licença não remunerada que eu tenho direito. Eu vivi até uma situação complicada, até o meu marido adoeceu muito há 5 anos atrás, [...] eu consegui uma licença para o doutorado, eu não estava dando as aulas, estava no doutorado e foi bem importante para mim, ter aquele tempo, de poder me dedicar mais. Se fosse por conta eu poderia pedir também, né? Ou pra ficar com o filho que necessitasse mais de mim, num momento mais difícil, eu pediria. Eu abriria mão sim, não pra sempre né, mais por um tempo que fosse necessário pra vida pessoal também. (Emanuele).

Entre as respostas positivas, observou-se que o motivo central seria cuidar de filhos doentes ou mesmo alguém da família, em especial se elas fossem as únicas com disponibilidade para atender à necessidade familiar. Supõe-se que houve alterações na divisão sexual do trabalho, no entanto, as construções sociais que destinaram a mulher ao mundo privado ainda se fazem presentes na realidade de muitas mães. Essa situação corrobora as observações de Bruschini (1998), para quem o trabalho remunerado das mulheres engloba tanto as demandas do mercado e suas exigências quanto a articulação entre o papel familiar e profissional.

Voltando-se para aquelas que não abririam mão, 12 disseram que não deixariam suas ocupações. A centralidade do trabalho em suas vidas começa a ser destacada: “Porque eu amo trabalhar. Trabalho desde os meus 18 anos, eu tenho 32, então, são 14 anos trabalhando, e eu sou muito feliz no meu trabalho. O que eu ganho, ele é importante também, mais o que eu posso fazer com o meu trabalho me faz bem” (Luciana); “[...] eu sempre trabalhei a vida inteira, então, pra mim é muito difícil abrir mão. [...]”. (Letícia);

A gente precisa do trabalho, mas eu não trabalho só pelo dinheiro. Trabalho porque eu gosto mesmo. Se tivesse a oportunidade: a você quer largar, você tem condições financeiras pra largar o seu trabalho e ficar só com a sua filha. Não! Eu acho que eu não seria feliz assim. Trabalharia menos horas, mas não largaria o meu trabalho. (Emília).

Não. Então, por essa questão de ter estabilidade e de pagar bem. É porque assim, eu estava até comentando com uma amiga minha no fim de semana, que a gente que tem dois filhos é muito cansativo e tudo é feito pra quem não trabalha, nos horários, assim, fica muito difícil. Aí a gente ainda comentou, ainda falou assim: ‘É [...] o pessoal que trabalha em comércio [...] a pessoa acaba saindo porque ela vai ficar elas por elas com o que ela gasta pra alguém olhar ou pelo trabalho mesmo que dá. E acaba não compensando, mais assim, no meu caso, por exemplo, que eu sou concursada, é um trabalho muito bom, né, então, assim, eu não abro mão, eu não

deixo de trabalhar lá. (Ester).

De jeito nenhum! Pra mim é muito importante assim. Não abriria mão de jeito nenhum. Inclusive, nessa pandemia eu tô até sofrendo porque acabou minha licença agora em setembro, né, eu tinha entrado de férias e já estava querendo voltar, e por conta de estar amamentando, eu voltei para o trabalho remoto, e é muito diferente, assim, eu sinto muita falta de atender os pacientes, de tá com a equipe. Pra mim é uma coisa que tá sendo muito difícil não poder voltar ao trabalho presencial por enquanto. Até respondendo a sua pergunta, algumas pessoas falam: Ah, se eu ganhar na loteria eu paro de trabalhar. Eu não paro! Se eu ganhar na loteria, eu continuarei trabalhando. Não sei concursada e tudo, talvez, mais na mesma área com certeza (Antônia).

Pode-se inferir, a partir do exposto, que, conforme destaca Albrecht (2012), o mundo social está em constante mudança, sendo o trabalho assalariado uma fonte material de transformação que alcançou a vida das mulheres. O campo revelou a valorização das atividades, iniciando no mercado de trabalho por desejo de independência tanto financeira quanto por realização pessoal.

Com relação ao significado do trabalho em suas vidas, as expressões mais empregadas foram “extrema importância, “muito importante” e “importante”. Entre as 22 entrevistadas somente Ester percebe o trabalho como fonte de renda e nada mais. “É importância só financeira. Não é uma coisa que me dá prazer, mas é uma coisa que me dá um bom ganho pra eu ter um conforto”.

Entre as demais participantes da pesquisa, percebe-se que o trabalho não é apenas fonte de renda para conforto da família, como bem expressa Luciana: “Ele é economicamente viável e emocionalmente saudável.” Ao se aprofundar nos relatos, nota-se que elas atribuem ao trabalho o sucesso e as conquistas alcançadas.

As entrevistadas revelaram também que não se veriam apenas como mães. Antonela, por exemplo, afirmou que: “Sinto necessidade de estar fora de casa, de ter um tempo pra mim sem as crianças, não aguento ficar o dia inteiro com criança”. Samantha, por sua vez, disse: “Acho que seria difícil pra mim também, igual assim a hora que ela vai para escola, o que iria fazer nesse horário, né? [...]. Acho que não conseguiria ter que depender de alguém, essa parte, não conseguiria. [...]”.

E infelizmente o trabalho doméstico não é visto como um trabalho. Quando você trabalha fora, tem um trabalho remunerado, parece que tem de fato uma colocação. Como erradamente as pessoas não veem quem trabalha em casa como uma colocação, como se fosse compulsório (Juliete).

[...] Igual, durante um ano fui só mãe, né? Durante um ano eu fui, só mesmo quando meu filho nasceu fiquei só para ele, e assim era uma coisa que ... não é que via como obrigação não, gostava muito também, mas sentia falta sim da minha parte do trabalho. Sentia falta de outra convivência também [...]. Pra mim, é minha realização, de vida mesmo. E também falo que é até um pouco de distração, a gente cansa em casa do trabalho de casa e cansa do trabalho lá também, mas, pelo menos, é mudar o ambiente, mudar a convivência, sair desse ambiente familiar e ter outras pessoas pra conviver também, ter outra ocupação pra gente, né? [...]. (Cecília).

Quando eu tive o Ivan que eu fiquei o tempo de licença maternidade, no retorno, uma semana antes, eu só chorava que eu não queria voltar, como que ia ser, que eu não queria deixar o Ivan, e que era muita, muita coisa pra fazer, que eu não queria. E aí, no primeiro dia, eu fui trabalhar chorando, no segundo dia também, mas, em menos de uma semana, eu entendi que eu precisava muito ter voltado a trabalhar.

Porque quando eu tive o Ivan, acho que mais ainda, eu me limitei a ser dona-de-casa e mãe do Ivan, só isso. E acaba que até um pouco do ser esposa e ser mulher a gente perde um pouco quando a gente fica só em função do lar, em função da casa. (Amora).

A partir dos relatos aqui destacados, pode-se supor que as ocupações produtivas se mostram mais interessantes que o trabalho doméstico, conforme destaca Hochschild (2012). Por isso, o despertar de motivações semelhantes às dos homens, que foi revelado nas entrevistas. Além disso, Fernandes (2017) aponta a mudança importante no papel social da mulher que também é mãe: valorização do trabalho assalariado, realização profissional e liberdade econômica.

Por meio do levantamento da literatura, foi possível se entender que a centralidade do trabalho está relacionada à sua importância na vida do sujeito (Kubo & Gouvea, 2012). A partir dos relatos, nota-se que o trabalho exerce uma importante função, como destaca Juliete: “[...] Ele é algo que faz parte da minha vida porque eu gosto do que eu faço, eu gosto do meu trabalho, né? Então assim, ele faz parte da minha vida, ele é uma parte importante [...]” .

A entrevistada ainda acrescentou que o trabalho seria um caminho natural, reforçando, a concepção de que ele é fonte da existência individual e social, sendo em torno dele que a maioria dos indivíduos se organiza. Sua centralidade é caracterizada por ser parte constituinte da existência humana individual e coletiva (Morin; 2001, Araújo & Sachuk, 2007, Morin; Tonelli; Pliopas, 2007, Antunes; 2009b, Viana & Machado, 2011).

Ao explicarem o que o trabalho significa em suas vidas, as entrevistadas o relacionaram a conceitos como: “realização profissional”, “independência”, “felicidade”, “propósito”, “ritmo de vida”, “responsabilidade social”, “bem-estar”, “parte importante da vida”, “crescimento pessoal”, “fonte de relacionamento”, “sentir-se útil”, “distração”. Percebe-se que elas atribuem ao trabalho produtivo um lugar de grande importância em suas vidas e intimamente relacionado às suas conquistas pessoais, como exemplifica Maya: “Ah, acho que é [...] um feito, uma situação que sonhei e consigo, que alcancei [...] estou tentando ser uma excelente funcionária, adaptada à dificuldade desse ambiente onde eu trabalho porque são muitas. E me vejo numa questão de sonho mesmo, de realização [...]”.

É notório que para praticamente todas as entrevistadas (21 das 22), o trabalho assume um espaço relevante em suas vidas, seguindo as considerações de Borges e Tamayo (2001), ao apontar que o trabalho possui sentido individual e social.

Ah, o trabalho para mim é muito importante, eu me realizo, gosto do que eu faço, me sinto mais útil. Me completa mesmo! Ah... ele traz... mais conhecimento, porque eu vivo pesquisando, estudando, conhecendo coisa nova, conhecendo pessoas novas, porque cada semestre eu estou numa turma nova diferente. Então, ele traz muito aprendizado de vida, de profissional também, né? Conhecimentos profissionais, muitos congressos que eu consigo participar, [...] é importante pra mim, pra a minha vida (Emanuele).

Tanto o crescimento profissional, sim, claro, mais tá ligado diretamente ao meu crescimento pessoal. Você conviver com outras pessoas, você aprender coisas novas, né? Isso tudo eu acho que te melhora como ser humano. Você tem que, muitas vezes adquirir algumas virtudes que antes você não tinha pra conseguir se manter no mercado de trabalho. Você tem que ser uma pessoa flexível, você tem que saber lidar com outras pessoas, tem que ter paciência. Então, isso tudo eu acho que te melhora como ser humano. Pra mim é muito mais do que o dinheiro. O dinheiro é

importante. Lógico que é. (Emília).

Pra mim, assim, afeta diretamente a minha vida, o meu profissional, o meu trabalho remunerado. Primeiro porque eu tenho o costume de ter o meu dinheiro desde muito nova também, e depois porque eu acho que é a realização profissional também, sabe? Eu acho que, às vezes, vem até na frente do dinheiro, né? Eu acho muito bom quando você realiza o seu trabalho e tem aquela gratificação de ver que deu certo, [...], eu, pessoalmente, eu sou muito, muito dedicada ao meu trabalho, eu ponho como coisa muito importante na minha vida. E se eu estiver mal no meu profissional, ele afeta diretamente na minha rotina. Então a importância é muito grande. (Vitória).

Pode-se inferir que o trabalho engloba a subjetividade das trabalhadoras, nos termos destacados por Viana e Machado (2011), construindo suas identidades e influenciando suas ações. Em adição, foi possível verificar que elas percebem o trabalho como meio de relacionamento social e o realizam com objetivo, na linha com o que defende Morin (2001). Os depoimentos que seguem demonstram bem isso: “[...] eu sou muito realizada na parte profissional porque vem dando muito certo, né, e a gente obteve muito sucesso até hoje (na empresa). Tenho ainda coisas pra fazer na casa ainda, acabar de montar a casa toda. Então, eu preciso...” (Samantha).

[...], desde os 12 anos sempre quis ser uma mulher independente, nunca quis depender de ninguém pra nada, justamente porque eu vim de uma família onde minha mãe dependia, eu sempre vivenciei essa situação e não queria reproduzir isso pra mim. E a satisfação pessoal. Eu trabalho numa função onde eu tenho metas, desafios, e isso é muito importante pra mim também. Eu me sinto realizada no trabalho também (Doris).

Eu sempre fui uma pessoa que fiz muita questão de trabalhar fora, eu sempre gostei, meu ritmo de vida sempre foi muito ligado assim ao trabalhar fora. Antes do meu filho nascer, eu tinha três funções, eu trabalhava de manhã, de tarde e à noite, né? Eu só diminuí meu ritmo quando nós paramos pra poder realmente planejar a gravidez e tudo, aí eu optei por um momento só, mas eu não abri mão hora nenhuma de trabalhar fora. (Andréa).

[...] a gente perdeu meu pai muito cedo, [...] e minha mãe ela tinha saído do trabalho pra cuidar da gente porque aquele pensamento antigo, né? Você tem o marido, ele vai pagar as contas e você não precisa se preocupar. E quando o meu pai faleceu, a gente passou muito aperto assim até conseguir a pensão e tudo [...] e aí a gente começou a ouvir o contrário assim: ‘cresçam, trabalhem e não dependam de marido’[...]. A gente seguiu muito à risca isso [...]. Então, assim, eu só casei depois que eu passei em concurso, né, o meu mestrado foi antes do meu casamento. (Antônia).

[...]. Eu gosto muito, inclusive assim, acaba que invisto quase que 20% do que eu ganho na minha formação, assim, fazendo análises, fazendo grupos de estudo, participando de projetos, então, eu gosto. Claro que o meu trabalho me satisfaz em termos financeiros, mas também fico feliz de fazer o meu trabalho e invisto para tentar fazer um bom trabalho. (Antônia).

A partir desses depoimentos, foi possível captar a importância que elas atribuem ao trabalho,



descrevendo-o de diferentes maneiras. Nota-se, também, que consideram o trabalho como fonte de desenvolvimento de competências e autoconhecimento, nos termos defendidos por Morin (2001).

Foi possível entender que, por meio do trabalho, elas interpretam o seu fazer, visualizando os objetivos que desejam alcançar, em linha com o que advogam Bendassoli, Alves e Torres (2014). Percebe-se, também, uma coerência com as colocações de Neves et al. (2018), para quem o significado do trabalho para as mulheres trabalhadoras e mães é um dos valores fundamentais do ser humano, proporcionando uma fonte de renda e subsistência, construção da identidade, auto realização, constituição de subjetividades, mecanismo de socialização. Em adição, ainda de acordo com os autores citados, permite o alcance de metas, de objetivos de vida e o desenvolvimento de habilidades. E, para as mulheres em especial, elas só se percebem como protagonista da própria vida quando estão trabalhando.

Os achados do campo caminham em direção à Spinelli (2015). Entendeu-se que os sentidos atribuídos ao trabalho também seguem a percepção de fonte de financiamento de conforto para a família, realizações pessoais, uma fonte de prazer, de independência financeira, crescimento pessoal e profissional. Mesmo conciliando a esfera produtiva com casa e filhos, como consideram Losada e Rocha-Coutinho (2007), com responsabilidades e preocupações, a mulher se mantém trabalhado para satisfazer mais que necessidades materiais.

## Considerações finais

Conforme destacado, o objetivo geral que norteou a pesquisa, cujos principais resultados estão aqui apresentados, foi “compreender os sentidos do trabalho para as mulheres trabalhadoras e mães pertencentes à classe média”.

A revisão da literatura abordou estudos enfocando temas como relações de gênero, divisão sexual do trabalho, centralidade e sentidos do trabalho. Dada a natureza da investigação, adotou-se a metodologia qualitativa, haja vista a necessidade de se conhecer a percepção das participantes de pesquisa, produzindo os dados a partir das realidades vividas, ou seja, levantando-os conforme acontecem no dia a dia, de acordo com os olhares de cada mulher trabalhadora e mãe.

Na pesquisa de campo, constatou-se que as entrevistadas possuem elevada formação acadêmica, e, entre as vinte e duas mulheres, onze delas possuem apenas um filho, o que retrata a mudança social decorrente do aumento do nível educacional das mulheres e da queda da taxa de natalidade. Tais fatores provavelmente contribuíram para o ingresso e a permanência das mulheres no mercado de trabalho. Ao fazerem parte do mundo público, as mulheres estão inseridas nas mais variadas ocupações, incluindo algumas que antes eram quase que exclusivas dos homens. Trata-se de uma conquista marcada por avanços e retrocessos. Algumas conquistas importantes são reveladas pela inserção de cinco entrevistadas em profissões como engenheira civil e elétrica, advogada, sargento do exército, gerente geral e professora universitária. Foram percebidas também evidências do rompimento da dicotomia público e privada e mudanças nas relações sociais de gênero. Tal rompimento diferencia as atuais mulheres daquelas das gerações passadas, que estavam restritas ao papel de donas de casa e, quando ocupavam postos de trabalho, ficavam segregadas às atividades consideradas como femininas.

Após essas mudanças, entretanto, por serem as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e o cuidado dos filhos, muitas mulheres passaram a somar funções e necessitaram se articular entre os papéis familiares e profissionais. Precisaram, então, fazer escolhas, como as adaptações necessárias para estarem atuando nas duas esferas, reduzindo até mesmo as horas dedicadas ao lado profissional e atenção à progressão na carreira.

Verificou-se que o trabalho remunerado ocupa grande importância na vida das entrevistadas. São mães que valorizam suas atividades, iniciando no mercado de trabalho por desejo de independência tanto

financeira quanto por realização pessoal. A maior parte delas não abriria mão de suas atividades profissionais. Algumas disseram até que, eventualmente, deixariam suas ocupações, mas relatam que não seria fácil, que só em extrema necessidade fariam isso. Se o novo perfil da mulher é caracterizado pela articulação entre suas responsabilidades domésticas e trabalho remunerado, outra questão observada nas evidências e constatada por Fernandes (2017) é da vida profissional e da liberdade econômica, as características que ilustram a nova identidade da mulher.

O trabalho representa, sem dúvida, uma atividade fundamental, parte importante da vida dos indivíduos. Para essas mulheres, trabalhar é uma atividade economicamente viável e emocionalmente saudável. Os diferentes significados atribuídos englobam fonte de prazer, construção da identidade, autorrealização, constituição de subjetividades, oportunidade de socialização, desenvolvimento de habilidades, além de possibilitar o alcance de metas e de objetivos de vida. Portanto, trabalhar é algo além de uma satisfação material.

Julga-se que o objetivo geral da pesquisa foi alcançado. Acredita-se que foi possível compreender os sentidos do trabalho para o grupo enfocado de mulheres trabalhadoras e mães pertencentes à classe média.

Como sugestão para estudos futuros, entende-se ser importante voltar o foco de análise para os sentidos do trabalho relacionando-os com o exercício de determinadas profissões, investigando especialmente aquelas consideradas socialmente mais masculinas. Também se mostra interessante o desenvolvimento de pesquisas que tenham como participantes mulheres das classes mais baixas que, supostamente, estariam em ocupações menos favorecidas.

---

<sup>i</sup> Informações em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em 14 fev. 2022.

<sup>ii</sup> Os critérios de inclusão serão abordados na sessão de metodologia.

<sup>iii</sup> O fenômeno denominado *glass ceiling*, ou “teto de vidro”, originado nos Estados Unidos em 1980, refere-se a “uma barreira que, de tão sutil, é transparente, mas suficientemente forte para impossibilitar a ascensão de mulheres a níveis mais altos na hierarquia organizacional” (STEIL, 1997, p. 62).

<sup>iv</sup> A Classe média foi entendida a partir das orientações do IBGE, que considera a renda dos indivíduos baseada no número de salários-mínimos recebidos. Dessa forma, a classe média é compreendida pela classe B, aquela com renda entre 10 e 20 salários, e pela classe C, com ganhos entre 4 e 10 salários. Como existem diferentes classificações, como Critério Brasil e Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), a que mais se adequa aos sujeitos da pesquisa é a classificação do IBGE. Informações em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/04/10/por-que-a-classe-media-ficando-muito-endividada-em-varios-lugares-do-mundo-segundo-a-ocde.shtml>. Acesso em: 13 abr. 2020.

## Referências

- Albornoz, S. (1986). *O que é trabalho* (3ª ed.). Brasiliense.
- Albrecht, M. S. (2012). *Decifrando a divisão do trabalho doméstico nas unidades familiares do Balneário de Ingleses: cotidiano e relações de gênero*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório da Universidade Federal de Santa Catarina. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96404/310454.pdf?sequence=1>
- Alves, J. E. D. (2016). Desafios da equidade de gênero no século XXI. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis. [doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n2p629](https://doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n2p629)
- Alves, B. M., & Pitanguy, J. (1985). *O que é feminismo*. Brasiliense.
- Antunes, R. L. (2009a). *Adens ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho* (11ª ed.). Cortez.
- Antunes, R. (2009b). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho* (2ª ed.). Boitempo.

- Araújo, M. C. O., & Scalon, M. C. R. (2005). Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: Araújo, M. C. O., & Scalon, M. C. R. (Orgs.). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. tFGV.
- Araújo, R. R., & Sachuk, M. I. (2007). Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. *REGE. Revista de Gestão*, 14(1), 53-66. Recuperado de <http://www.spell.org.br/documentos/ver/27572/os-sentidos-do-trabalho-e-suas-implicacoes-na-f->
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Beauvoir, S. (1970). *O segundo sexo: fatos e mitos* (4ª ed., Vol. 1). Tradução: Sérgio Milliet. Difusão Europeia do Livro.
- Bendassolli, P. F., Alves, J. S. C., & Torres, C. C. (2014). Inventário sobre significado do trabalho de profissionais de indústrias criativas. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 177-186. Recuperado de <http://www.pedrobendassolli.com/textos/avaliacaopsicologica.pdf>
- Borges, L. O., & Tamayo, Á. (2001). A estrutura cognitiva do significado do trabalho. *Revista Psicologia: organizações e trabalho*, 1(2), 11-44. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572001000200002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572001000200002)
- Bruschini, M. C. A. (2007). Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de pesquisa*, 37, 537-572. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/cp/a/KybtYCJQvGnnFWWjcyWKQrc/?format=pdf&lang=pt>
- Bruschini, C. (1998). Trabalho feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação. In: *XXI International Congress, Latin American Studies Association, Chicago*. 24-26. Recuperado de <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lasa98/Bruschini.pdf>
- Bruschini, M. C. A., & Ricoldi, A. M. (2012). Revendo estereótipos: O papel dos homens no trabalho doméstico. *Revista Estudos Feministas*, 20(1), 259-287. [doi.org/10.1590/S0104-026X2012000100014](https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000100014)
- Cavassani, A. P., Cavassani, E. B., & Biazin, C. C. (2006). Qualidade de vida no trabalho: Fatores que influenciam as organizações. *XIII SIMPEP*, 41-47. Recuperado de [https://simpep.feb.unesp.br/anais/anais\\_13/artigos/784.pdf](https://simpep.feb.unesp.br/anais/anais_13/artigos/784.pdf)
- Cervo, A. L., Bervian, P. A., & Silva, R. (2007). *Metodologia científica* (6ª ed.). Pearson's Prentice Hall.
- Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe & Organização Internacional do Trabalho (2019). *Coyuntura Laboral em América Latina y el Caribe: evolución y perspectivas de la participación laboral femenina en América Latina*, n. 21. Recuperado de <https://www.ilo.org/santiago/publicaciones/coyuntura-laboral-am%C3%A9rica-latina-caribe/lang-es/index.htm>
- Coutinho, M. C. (2009). Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. *Cadernos de psicologia social do trabalho*, 12(2), 189-202. [doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v12i2p189-202](https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v12i2p189-202)
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Editora Artmed.
- Cruz, R. S. (2017). *Russas nos circuitos de mudanças sob o signo da Dakota: experiências e sentidos do trabalho na vida das mulheres*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Recuperado de [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFC-7\\_3a6991559c35e7e7ed7c4fe6d286bce4](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFC-7_3a6991559c35e7e7ed7c4fe6d286bce4)
- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2019). *Nota Técnica – PEC 06/2019: as mulheres, outra vez, na mira da reforma da previdência*, n. 202. Recuperado de <https://www.dieese.org.br/notatecnica/2019/notaTec202MulherPrevidencia.pdf>
- Diogo, M. F. (2005). *De balde e vassoura na mão: os sentidos do trabalho para as mulheres que exercem suas funções no setor de limpeza e conservação em uma empresa prestadora de serviços em Santa Catarina*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório da Universidade Federal de Santa Catarina. Recuperado de <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102856>
- Fernandes, D. R. N. (2017). *A divisão entre trabalho, família e organizações para casais de dupla jornada: um estudo sobre homens e mulheres que vivenciam a cultura do alto desempenho*. [Tese de Doutorado, Universidade do Grande Rio “Professor José de Souza Herdy”]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Recuperado de <http://tede.unigranrio.edu.br/bitstream/tede/200/5/Diana%20Rebello%20Neves%20Fernandes.pdf>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). Atlas.
- Godoy, A. S. (1995). Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFGpwNkCgnc/?format=pdf>
- Gorz, A. (2003). *Metamorfoses do trabalho*. Annablume.

- Graf, L. P. (2009). *Entre a cozinha e o abatedouro: os sentidos do trabalho para mulheres atuantes na indústria avícola*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório da Universidade Federal de Santa Catarina. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93132>
- Hirata, H. (2018). Gênero, patriarcado, trabalho e classe. *Revista Trabalho Necessário*, 16(29), 14-27. Recuperado de [doi.org/10.22409/tn.16i29.p4552](https://doi.org/10.22409/tn.16i29.p4552)
- Hirata, H. (2015). Mudanças e permanências nas desigualdades de gênero. *Friedrich Ebert Stiftung Brasil*, 7. Recuperado de <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/12133.pdf>
- Hochschild, A. R. (2012). *The second shift: working families and revolution at home*. Penguin Books.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). *Outras formas de trabalho*. Recuperado de [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101650\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101650_informativo.pdf)
- Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística (2021). *Estatística de gênero: ocupação das mulheres é menor em lares com crianças de até 3 anos*. Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30172-estatisticas-de-genero-ocupacao-das-mulheres-e-menor-em-lares-com-criancas-de-ate-tres-anos>.
- Instituto Ethos (2016). *Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas. Divisão de Gênero e Diversidade*. Recuperado de <https://www.ethos.org.br/cedoc/perfil-social-racial-e-de-genero-das-500-maiores-empresas-do-brasil-e-suas-aco-es-afirmativas/#.WNrHg28rj0w>
- Lima, M. P. D., Tavares, N. V., Brito, M. J., & Cappelle, M. C. A. (2013). O sentido do trabalho para pessoas com deficiência. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 14(2), 42-68. [doi.org/10.1590/S1678-69712013000200003](https://doi.org/10.1590/S1678-69712013000200003)
- Losada, B. L., & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias. *Psicologia em Estudo*, 12, 493-502. [doi.org/10.1590/S1413-73722007000300006](https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000300006)
- Kergoat, D. (2009). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Hirata, H., Laborie, F.; Doaré, H., & Senotier, D. (Orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*.: EDUNESP.
- Kleven, H., Landais, C., & Sogaard, J.E. (2019). [Children and gender inequality: evidence from Denmark](https://doi.org/10.1111/ajae.12109). *American Economic Journal: Applied Economics*, 11 (4), 181-209.
- Kubo, S. H., & Gouvêa, M. A. (2012). Análise de fatores associados ao significado do trabalho. *Revista de Administração*, 47(4), 540-554.
- Mendonça, M., & Matos, P. M. (2015). Conciliação família-trabalho vivida a dois: um estudo qualitativo com casais de duplo emprego. *Análise Psicológica*, 33(3), 317-334.
- Minayo, M. C. S. (2016). O desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2013). *O desafio do conhecimento: metodologia de pesquisa qualitativa em saúde* (13ª ed.). Hucitec.
- Morgado, A. P. D. V. (2012). *Sentidos atribuídos à mulher e ao trabalho na gerência intermediária*. [Tese de Doutorado, Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas]. Fundação Getúlio Vargas Pesquisas e Publicações. Recuperado de <https://gvpesquisa.fgv.br/teses-dissertacoes/mulher-invisivel-sentidos-atribuidos-mulher-e-ao-trabalho-na-gerencia>
- Morin, E. M. (2001). Os sentidos do trabalho. *Revista de administração de empresas* [Special number]. *Revista de Administração de Empresas*, 41(3), 08-19.
- Morin, E., Tonelli, M. J., & Pliopas, A. L. V. (2007). O trabalho e seus sentidos [Special number]. *Psicologia & sociedade*, 19, 47-56.
- Nascimento, R. P., Costa, D. V. F., Salvá, M. N. R., Moura, R. G. D., & Simão, L. A. S. (2016). “Trabalhar é manter-se vivo”: Envelhecimento e sentido do trabalho para docentes do ensino superior. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 11(2), 118-138. Recuperado de [https://www.academia.edu/28014608/Trabalhar\\_%C3%89\\_Manter\\_Se\\_Vivo\\_Envelhecimento\\_e\\_Sentido\\_do\\_Trabalho\\_para\\_Docentes\\_do\\_Ensino\\_Superior](https://www.academia.edu/28014608/Trabalhar_%C3%89_Manter_Se_Vivo_Envelhecimento_e_Sentido_do_Trabalho_para_Docentes_do_Ensino_Superior)
- Neves, D. R., Nascimento, R. P., Felix Jr, M. S., Silva, F. A. D., & Andrade, R. O. B. D. (2018). Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. *Cadernos EBAPE. BR*, 16, 318-330. [doi.org/10.1590/1679-395159388](https://doi.org/10.1590/1679-395159388)
- Oliveira, N. H. D. (2009). *Recomeçar: família, filhos e desafios*. São Paulo: Cultura Acadêmica. 239p. Recuperado de <https://static.scielo.org/scielobooks/965tk/pdf/oliveira-9788579830365.pdf>
- Organização Internacional do Trabalho (2018). *Perspectivas Sociales y del Empleo em el Mundo: avance global sobre las tendencias del empleo femenino*. *Oficina Internacional del Trabajo* – Ginebra: OIT, 2018. Recuperado de

[https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms\\_619603.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_619603.pdf)

Probst, E. R. (2015). *A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho*. RH Portal. Recuperado de <https://www.rhportal.com.br/artigos-rh/a-evolucao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho/>.

Ramos, R. S. (2019). *Mulher, trabalhadora, mãe: um olhar sobre a conciliação entre papéis*. [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade Federal Fluminense.

Rocha-Coutinho, M. L. (2004). Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia*, 12(1), 02-17. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v12n1/v12n1a02.pdf>

Rocha-Coutinho (1994), M. L. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rocco.

Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>

Silva, M. R. S. D., Luz, G. D. S., Cezar-Vaz, M. R., & Silva, P. A. D. (2012). Trabalho familiar: distribuição desejada do trabalho doméstico e cuidados dos filhos entre cônjuges. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 33(1), 124-131. doi.org/10.1590/S1983-14472012000100017

Souza, C. G. D. (2017). Mulheres de negócios comandam? Uma análise do discurso a partir do editorial SEBRAE sobre a mulher. *Signum: Estudos da Linguagem*, 20(3), 213-239. doi.org/10.20401/rasi.6.3.352

Souza, L. P. D. & Guedes, D. R. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos avançados*, 30(87), 123-139. doi.org/10.1590/S0103-40142016.30870008

Spinelli, J. G. (2015). *Os Sentidos do Trabalho para Mulheres Atuantes no Mercado Financeiro: Entre a Vocação e a Remuneração*. [Dissertação Programação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Recuperado de [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC\\_RIO-1\\_3797304dec938056f85e6c6ca32a2c38](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_RIO-1_3797304dec938056f85e6c6ca32a2c38)

Steil, A. V. (1997). Organizações, gênero e posição hierárquica: compreendendo o fenômeno do teto de vidro. *Revista de Administração da Universidade de São Paulo*, v. 32, n. 3, p. 62-69. Recuperado de <http://www.spell.org.br/documentos/ver/18443/organizacoes--genero-e-posicao-hierarquica---compreendendo-o-fenomeno-do-teto-de-vidro>

Tolfo, S. D. R., & Piccinini, V. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, 19, 38-46. doi.org/10.1590/S0102-71822007000400007

Teykal, C. M., & Rocha-Cohutino, M. L. (2007). O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. *Psico*, 38(3). 262-268. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/2888/2183>

Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rocco.

Vergara, S. C. (2011). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração* (13ª ed.). Atlas.

Viana, E. A. D. S., & Machado, M. N. D. M. (2011). Sentido do trabalho no discurso dos trabalhadores de uma ONG em Belo Horizonte. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 46-55. doi.org/10.1590/S0102-71822011000100006

World Economic Forum (2019). *An economist explains why women are paid less*. Recuperado de <https://www.weforum.org/agenda/2019/03/an-economist-explains-why-women-get-paid-less/>